

PROJETO DE UMA ÉTICA MUNDIAL

Urbano Zilles*

Resumo

Neste artigo o autor expõe o “projeto *ethos* mundial” de Hans Küng, publicado em forma de livro em 1990. Valores fundamentais devem ajudar a resolver problemas globais. Diz Küng que não haverá paz no mundo, sem paz entre as religiões. Sem paz entre as religiões, não haverá diálogo entre as religiões. Mas não está este projeto baseado em critério especificamente cristão, ocultando o cristianismo como o absoluto?

PALAVRAS-CHAVE: *ethos* mundial; pluralismo; valores; ciência; tecnologia; democracia; religiões.

Abstract

In this article the author explains the “World ethos Project” a book of Hans Küng published in the year 1990. Fundamental values ought to help to resolve global problems. Küng says that there is no place in the world without peace among the religions. Without peace among the religions there is no dialogue among the religions. But is this project not based on a typical Christianity criterium which contains the Christianity as absolute?

KEY WORDS: *worldethos; pluralisme; values; science; technology; democracy; religions.*

Em 1990, a publicação da obra de Hans Küng *Projekt Weltethos* (projeto *ethos* mundial) obteve ampla repercussão. Em 1989, participou do simpósio da UNESCO em Paris sobre o tema: “Não haverá paz mundial sem paz entre as religiões”.

O conceito de *ethos mundial* refere-se ao todo do mundo da vida humana, inclusive à natureza. Indaga por normas válidas universal-

* Doutor em Teologia. Professor da Faculdade de Teologia da PUCRS.

mente. Küng diz que valores fundamentais devem ajudar a resolver problemas globais, para além de todas as diferenças de visão do mundo, diferenças culturais, nacionais ou religiosas. As formas de vida concretas e diferenciadas dos homens dificilmente permitem passar de um consenso mínimo e formal sobre padrões éticos. Küng estrutura o projeto do *ethos* mundial em três áreas temáticas: “Não há sobrevivência sem uma ética mundial. Não haverá paz no mundo sem paz entre as religiões. Sem paz entre as religiões não haverá diálogo entre as religiões” (Introdução, p. 7).

Pergunta: Por que precisamos de um *ethos* global? Em que base pode ser fundamentado? Como se pode concretizar seu conteúdo? Afirma Küng: “A crise da potência dirigente do Ocidente é a *crise moral* do mundo ocidental como tal, também da Europa: destruição de toda e qualquer tradição, de um sentido de vida mais abrangente, de padrões éticos imprescindíveis, e falta de novos objetivos, junto com os prejuízos físicos daí decorrentes. Muitas pessoas hoje não sabem mais com base em que normas fundamentais devem tomar as pequenas e grandes decisões do dia-a-dia [...]. Em todo lugar se percebe uma crise de orientação generalizada. Com ela estão relacionadas a frustração, o medo, as drogas, o alcoolismo, a aids. Em dimensões menores, também a criminalidade de muitos jovens está ligada a essa crise. Assim também os muitos escândalos recentes na política, na economia, em sindicatos e na sociedade estão vinculados a ela” (Küng, 2001, p. 24). Conclui que o Ocidente está diante de um vácuo de sentido, de valores e de normas.

Na passagem da modernidade para a pós-modernidade há mudanças profundas: a) a política mundial torna-se cada vez mais poli-cêntrica; b) a política externa colonialista e imperialista transforma-se em cooperação internacional; c) a política social passa da sociedade industrial para uma sociedade de serviços e de comunicação; d) na política econômica, as economias capitalista e socialista mudam para uma economia ecossocial; e) na política comunitária abandona-se o patriarcalismo em busca da parceria entre homem e mulher; f) a política cultural evolui da cultura ideológica para uma cultura plural-global; g) na política religiosa abre-se a perspectiva de deixar a confessionalidade e buscar a multiconfessionalidade ou o ecumenismo (Küng, 2001, p. 38-39).

Todas essas mudanças incluem uma mudança dos valores que passam de uma ciência a-ética para uma ciência eticamente respon-

sável, de uma indústria que destrói o meio ambiente para uma indústria que protege os verdadeiros interesses e as necessidades do homem em harmonia com a natureza. É preciso questionar a hegemonia irrestrita de uma ciência sem ética, de uma tecnologia onipotente, de uma indústria destruidora do meio ambiente e de uma democracia meramente formal. Nesse processo tentam combinar-se valores antigos da modernidade como empenho, racionalidade, ordem etc., com os novos da pós-modernidade como imaginação, sensibilidade, emoção, etc. Kung alerta contra laxismos como “tudo é permitido” ou uma “interpretação uniforme do mundo”. A pós-modernidade visa o equilíbrio entre as tendências racionais e emocionais, para que a combinação de antigos e novos valores possibilite o desenvolvimento do homem todo e de todos os homens. O pensamento científico e tecnológico moderno evidenciou-se como incapaz de fundamentar padrões éticos, valores universais e direitos humanos.

Muitos orientais afirmam, por isso, que as conquistas do mundo ocidental, da maneira como se impuseram na modernidade européia, trouxeram muitas coisas boas e outras menos boas: a) Ciência, mas não sabedoria para evitar o mau uso da pesquisa científica; b) Tecnologia, mas não energia espiritual para controlar os riscos imprevisíveis de uma eficiente megaloidologia; c) Indústria, mas nenhuma ecologia que pudesse acompanhar a economia em constante expansão; d) Democracia, mas nenhuma moral que pudesse contrapor-se aos massivos interesses de poder dos diferentes indivíduos ou grupos ávidos de poder (Kung, 2001, p. 27-28).

No processo de mudança de valores, a ética é a razão de possibilidade de uma convivência humana digna na base de um consenso mínimo sobre valores e normas. O homem precisa assumir responsabilidade perante os semelhantes, o meio ambiente e a posteridade. Nesse sentido, a ética é um compromisso público comum a crentes e descrentes. Kung postula uma coalizão entre crentes e não-crentes para que o direito fundamental de todas as pessoas por uma vida humana digna seja realizado; a barreira entre ricos e pobres e entre nações ricas e nações pobres seja diminuída; as favelas nos cinturões de pobreza do quarto mundo diminuam; o nível de bem-estar social não seja arrasado por catástrofes ecológicas; seja possível uma sociedade sem guerra e violência.

Dessa maneira Kung coloca a questão de critérios para agir. Historicamente, os valores se formaram em processos sociais complicados e dinâmicos e se manifestaram como normas e mandamentos

das religiões. Revela-se aí um campo de tensão, pois a moral se desenvolve em processos sociais dinâmicos. Portanto, decorre de condições nas quais o homem responsabiliza autonomamente sua moral. Mas para fundamentar a afirmação de que o homem – como indivíduo, comunidade, nação ou religião – se deve comportar de maneira humana há que recorrer-se a um dever incondicional. Este é um assunto da religião, pois, segundo Küng, somente um incondicional pode obrigar incondicionalmente. Dessa maneira, o dever ético não se deriva do homem, que é condicionado, mas do Incondicionado como Absoluto. Como realidade suprema, este Absoluto é racionalmente indemonstrável, mas pode ser aceito como racionalmente plausível. Nas religiões do livro esse Incondicional é chamado Deus. Todas as religiões respondem às questões do “donde e para onde” da nossa vida, relacionando-nos com o transcendente. Por isso cabe às religiões um papel importante, pois somente elas têm autoridade para poder fundamentar um *ethos* mundial (Küng, 2001, p. 78-83).

Küng afirma que “nas diferentes religiões, a incondicionalidade da exigência ética é fundamentada de forma diferente. Ela pode ser derivada diretamente de um misterioso Ser Absoluto ou de alguma figura da revelação, de uma antiga tradição ou de um livro sagrado. Certo é que as religiões podem fundamentar as suas exigências éticas com uma autoridade bem diferente do que uma simples instância humana” (Küng, 2001, p. 81).

Segundo Küng, para desenvolver uma ética futura, que deve ter uma base religiosa, as religiões devem refletir sobre o que têm em comum, colaborar para um consenso mínimo sobre um agir responsável. E o que as religiões têm em comum? De uma ou outra maneira, querem o bem do homem; certas normas fundamentais que se concretizam nos cinco mandamentos da humanidade: não matarás, não mentirás, não furtarás, não praticarás imoralidade; respeitarás os pais e amarás os filhos e as filhas; um caminho racionalmente equilibrado entre o libertinismo e o legalismo; a observância da regra de ouro (Küng, 2001, p.86); motivações éticas convincentes baseadas nos modelos de vida das figuras exemplares das religiões mundiais como Buda, Jesus Cristo, Confúcio, Lao-Tse ou o profeta Maomé; um horizonte de sentido e a fixação de uma meta para o agir humano (Küng, 2001, p. 90). Küng considera que essas afirmações foram concretizadas em perspectiva cristã nas declarações do encontro ecumênico realizado em Basiléia, em 1989, sob o lema “Paz e justiça”.

Se a crise do mundo só pode ser superada com a ajuda de uma ética fundada na religião, deve pressupor-se que a paz entre as religiões é condição para a paz no mundo. Para isso devem solucionar-se as reivindicações concorrentes de verdade das diferentes religiões. Küng não vê solução numa *estratégia de fortaleza*, que somente reconhece verdade à religião própria, absolutizando uma verdade. Nessa estratégia pressupõe-se que somente a própria religião é a verdadeira. Em conseqüência, todas as outras não são verdadeiras. Da mesma maneira, a *estratégia da simplificação*, que ignora as diferenças e contradições e com isso a indagação dos homens pela verdade, não é solução. Segundo essa estratégia de harmonização, o problema existencial da “verdade” não existe realmente, pois cada religião é verdadeira a seu modo; na sua essência cada uma delas é de igual modo verdadeira. A *estratégia de absorção ou do abraço* também não resolve o problema, pois só reconhece a verdade para uma religião, tendendo a subordinar a ela as outras (Küng, 2001, p. 111-115). Küng propõe o caminho ecumênico ou autocrítico que se baseia na consideração de que cada religião para si é verdadeira, de modo que, no ponto de partida, todas se encontram em condições de igualdade. Para isso o critério principal é o apelo à humanidade comum a todos os homens. Bom é para o homem o que o ajuda a ser verdadeiramente pessoa humana. Para Küng isso se fundamenta, em última instância, em Deus, uma vez que verdadeira humanidade e verdadeira religião se encontram numa relação dialética. Küng aduz três critérios inter-religiosos para uma religião boa e verdadeira: a) segundo critérios éticos gerais, deve ser humana, estimular a humanidade; b) segundo critérios religiosos gerais, deve permanecer fiel à sua essência; c) segundo o critério cristão, uma religião é verdadeira e boa, na medida em que, na sua teoria e prática, permite reconhecer o espírito de Jesus Cristo.

Há um relacionamento dialético entre religião e humanidade. Verdadeira humanidade é o pressuposto para a verdadeira religião. Por outro lado, verdadeira religião é a realização da verdadeira humanidade. Segundo Hans Küng, as religiões “conseguem com outra autoridade e força de convencimento, diversas daquelas dos políticos, juristas e filósofos, conferir valor às máximas elementares fundamentais da humanidade. Todas as grandes religiões exigem determinados padrões não negociáveis. Propõem normas éticas fundamentais e máximas orientadoras, que são fundamentadas a partir de um Absoluto e, por isso, também devem ter validade para milhões de pessoas” (Küng, 2001, p. 86).

Desta maneira, Küng vincula a fidelidade à própria religião com a abertura máxima para outras religiões. Para o seguidor de determinada religião somente existe uma religião verdadeira que é a sua, mas no diálogo pode observá-la como se fora estivesse. Por isso, para Küng, é possível uma abertura ilimitada no diálogo, que inclui uma possível transformação própria ou do parceiro durante a conversa sem, todavia, exigir a renúncia da própria identidade.

O diálogo inter-religioso, que agora se tornou possível, é condição para conseguir a paz entre as religiões. Considerando que diálogo e entendimento postulam certa medida de compreensão dos outros, é necessário estudar os fundamentos religiosos de maneira objetiva e crítica. A teoria dos paradigmas permite uma análise abrangente e exata da situação religiosa de nosso tempo para obter uma visão global sobre a realidade da vida e a convergência das religiões. Para Küng, o entendimento religioso é condição para o entendimento político, contribuindo para a construção da paz.

Com o *projeto ethos mundial*, cria-se um espaço para o encontro de pessoas de diferentes culturas, religiões e origem étnica, coisa necessária e urgente no mundo globalizado. Por isso o projeto tem sua importância, pois tenta relacionar a força ética das religiões com uma meta comum para a sobrevivência de todos.

Hans Küng é um teólogo ecumênico que apresenta seu projeto por uma ética mundial, considerando-o uma tentativa provisória. Em sua posição defende a tese de que no mundo em que vivemos hoje não necessitamos de uma única religião, mas de alguns valores, normas, ideais e objetivos referenciais. Cabe, segundo ele, a todas e a cada uma das religiões uma responsabilidade diante da questão da paz mundial. Vê, pois, a necessidade de uma ética universal como condição de sobrevivência da humanidade. Para isso será preciso descobrir novos modelos, melhor, um paradigma ecumênico.

No *ethos* mundial de Küng há uma relação entre autonomia e teonomia na fundamentação da ética. Por um lado, o agir moral é autônomo e, por outro, introduz os valores e normas baseados no Incondicional. A questão permanece a seguinte: Com isso se consegue realmente uma coalizão entre crentes e descrentes para o *ethos* mundial? De maneira semelhante pode perguntar-se também: O projeto de Küng não conduzirá ao entendimento real entre as religiões porque baseado em critério especificamente cristão, ocultando o cristianismo

como absoluto? Apesar disso, merece ser discutido mais amplamente, pois é um desafio pertinente.

Referências

KÜNG, Hans. *Projeto de ética mundial*. Uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2001.

_____. *Para que um ethos mundial?* São Paulo: Loyola, 2005.

KÜNG, Hans; SCHMIDT, Helmut. *Uma ética mundial e responsabilidades globais*. São Paulo: Loyola, 2001.

MÜLLER, Wolfgang E. *Argumentationsmodelle der Ethik*. Stuttgart: Kohlhammer, 2003.



FACULDADE DE TEOLOGIA DA PUCRS

Informações???

